



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)
HISTÓRIA - LICENCIATURA**

**PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E AULA OFICINA COMO PROPOSTA
PRÁTICA DE EDUCAÇÃO REVOLUCIONÁRIA.**

**DISCENTE: ROBSON AUGUSTO DE SOUZA ARNS
ORIENTADOR: PROF. DOC. MIGUEL ANTONIO AHUMADA CRISTI**

Foz do Iguaçu

2019

Pedagogia Histórico-Crítica e Aula Oficina como Proposta Prática de Educação Revolucionária

Resumo:

O presente artigo visa descrever e fundamentar, na teoria, uma atividade prática feita em sala de aula durante o primeiro semestre do ano de 2019, na matéria de Estágio II, no curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Tal atividade encontra seus fundamentos teóricos na Pedagogia Histórico-Crítica, iniciada por Dermeval Saviani, proposta que defende o carácter revolucionário da educação. Dita teoria foi levada ao âmbito da didática por João Luiz Gasparin. Em síntese, nosso artigo pretende explicar e fundamentar a atividade 'aula-oficina', na linha da teoria e didática da Pedagogia Histórico-Crítica.

Palavras-chave: Pedagogia Histórico-Crítica– Aula – Educação Revolucionária.

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo describir y sustanciar, en teoría, una actividad práctica realizada en el aula durante el primer semestre de 2019, en la asignatura de Etapa II, en el curso de Historia de la Universidad Federal de Integración Latinoamericana. Dicha actividad encuentra sus fundamentos teóricos en la Pedagogía Histórico-Crítica, iniciada por Dermeval Saviani, una propuesta que defiende el carácter revolucionario de la educación. Esta teoría fue llevada al ámbito de la didáctica por João Luiz Gasparin. En resumen, nuestro artículo tiene como objetivo explicar y justificar la actividad "taller de clase", en línea con la teoría y la didáctica de la pedagogía histórico-crítica.

Palabras clave: Pedagogía histórico-crítica - Clase - Educación revolucionaria.

1. Apresentação

Há muitas perguntas importantes que, acreditamos, muitos e muitas docentes formulam quando se interrogam pelo sentido e objetivos da educação. Uma de estas perguntas costuma ser: ao falarmos de pedagogia, estamos pensando numa pedagogia transformadora e/ou revolucionária? Ser professor, demanda muito mais do que ministrar conteúdos pré-determinados? Essas são algumas das perguntas que nós professores nos fazemos todos os dias antes de começarmos nosso trabalho árduo na educação.

Sem dúvida, existe uma diversidade de respostas para estes interrogantes. Um autor que para nós resolve estas perguntas com contundência é o historiador e filósofo Dermeval Saviani, quem nos oferece uma proposta de pedagogia encaminhada à práxis revolucionária e a ressaltar a função social da educação. Para tal, Saviani propõe uma prática pedagógica a partir de 5 passos: Prática Social Inicial, Problematização, Instrumentalização, Catarse e finalmente a Prática Social Final. Não obstante, Saviani propõe uma didática, que é assumida pelo professor João Luiz Gasparin para colocar em prática na educação escolar, quem desenvolveu um estúdio que culmina na sua célebre obra “Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica”. Nesta obra é possível encontrar propostas de como instrumentalizar algo que parece, ao primeiro momento, muito difícil de aplicar na prática pedagógica do dia-a-dia.

Entendemos que o processo colocado por Saviani é complexo e complicado em alguns momentos. Isto, devido, principalmente, à falta de condições de trabalho para os professores do Brasil. Considerando este, e outros aspectos, Gasparin coloca exemplos que facilitam o entendimento da teoria de Saviani e aumentam o leque de ferramentas que o docente dispõe para realizar sua profissão.

Para além da pedagogia histórico-crítica, e da didática que Gasparin elabora para tal, paralelamente, consideramos a proposta da professora Isabel Barca, quem vem realizando há tempo destacados estúdios sobre a pedagogia conhecida como aula-oficina. Para Barca, a aula-oficina, oferece uma real possibilidade para que discentes o docente trabalhem em um ambiente colaborativo que permita a construção coletiva de conhecimentos. Isto aparece como uma alternativa ao chamado Ensino Tradicional, caracterizado com frequência como uma proposta

que não oferece demasiados espaços para o trabalho colaborativo entre professor(a) e estudantes.

A partir das ideias colocadas até aqui, é possível pensar como poderiam ser articuladas, e utilizadas em sala de aula, a teoria de Saviani, a didática de Gasparin e a aula-oficina de Barca. Pensamos que as ideias destes três autores, juntas, oferecem um excelente panorama para cristalizar uma prática, bem fundamentada na teoria, e que se aperfeiçoada poderia surtir efeito ainda maior na mudança de como os alunos entendem o processo educativo.

Podemos perceber que a educação sofre interferência de autoridades políticas; ergo, a educação é, *per se*, uma atividade fundamentada em questões políticas. Do mesmo modo, podemos perceber que essas autoridades estão interessadas em restringir ou intentar estabelecer domínio na prática pedagógica dos sistemas escolares. Com efeito, esta política, ao longo dos anos, distanciou os agentes do processo educativo.

Por que o investimento em estudantes da educação pública está ameaçado? Em março, o Conselho Nacional de Educação revogou parecer que implementava custos mínimos para uma educação de qualidade. (BASILIO, Ana Luiza e DAHER, Júlia, 2019, p. 20).

Existem muitas questões que estão atreladas a educação pública e de qualidade em nosso país, podemos destacar que essa interferência na nossa educação representa uma intenção de tornar a nossa educação em uma ideologia dominante. Esse desmanche nas nossas ferramentas e órgãos representam: Uma continuidade incerta, desvalorização do docente e extinção de secretarias. Acompanhando o estudo de “Educação em disputa 100 dias do governo Bolsonaro” a professora Ednéia Gonçalves, socióloga, formadora de professoras(es) e diretora executiva adjunta da Ação Educativa nos coloca que:

À primeira vista, os 100 dias de governo de Bolsonaro se resumem à triste disputa entre olavistas e militares, sem que os ganhos de um lado ou outro impliquem em avanço no acesso, inclusão, permanência ou qualidade da educação no Brasil. Porém, acredito que outros movimentos que se desenrolam nesse governo representam riscos igualmente perigosos às conquistas democráticas na educação. Nesse período, enquanto nos angustiamos com a ausência de lucidez e direcionamento no MEC, fomos confrontados com a pauta do retrocesso: representada pela expansão da militarização das escolas, pela tentativa de imposição de uma agenda fundamentalista religiosa, racista e LGBTfóbica

inspirada no Escola sem Partido. Enquanto isso, as pautas que interessam discutir (Fundeb, CaQi/CAQ, Plano Nacional de Educação) eram esvaziadas pelo Ministério da Economia com o anúncio da PEC da desvinculação total do orçamento. A aparente ausência de propostas concretas e intencionalidade nas ações do MEC nos revelam que as reais disputas do campo educacional se desenrolam em outra trincheira: na economia. É para lá que devemos urgentemente direcionar nossa resistência. (BASILIO, Ana Luiza e DAHER, Júlia, 2019, p. 5).

Nossa educação vem sendo destruída e devemos pensar estratégias inteligentes para que possamos vencer essa guerra frente ao neoliberalismo e o capitalismo em sua forma mais traiçoeira. Encontramos aqui, então, a possível relevância do nosso estudo, que é aplicar a Aula-Oficina, fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica, para mostrar como esta prática torna os agentes do processo mais próximos, principalmente nesse caso específico do Ensino de História. A educação deve ser vista de outra forma, devemos pensar nela como princípio de transformação, buscando uma Educação Popular como a muitos tempo se faz na América Latina e também uma Educação Contra-Hegemônico tendo em vista que vivemos épocas de tentativa de hegemonização do pensamento dominante dentro da educação.

Me pego pensando em como lutar contra a dominação que todos nós seres humanos sofremos, nesse sentido uma das questões que também norteiam esse trabalho foi pensar a escola nos dois sentidos, de fora para dentro e de dentro para fora. Estando dentro de sala de aula como aluno e professor me fez pensar também qual o verdadeiro objetivo da educação, da educação revolucionária, a que questiona, que nos deixa pensativos sobre os acontecimentos e suas razões, o que nos faz pensar porque estamos nessa situação. Estudando em colégios públicos, sejam eles com mais ou menos complicações pude perceber como nossa educação precisa ser pensada, com pedagogias e metodologias que possam trazer pra dentro de sala de aula problemas da nossa sociedade, seja em qual escala for, pensando sempre uma possibilidade de futuro melhor. Nesse sentido o trabalho aqui produzido tem a intenção de trazer possibilidades para nortear o trabalho de educador social que é o que se deseja em um professor.

2 Análise do Trabalho em Aula Desde a Óptica da Pedagogia Histórico Crítica

Ao falar de ensino e educação, é importante lembrar que seus estudos e práticas acontecem em sua maioria partindo de um ambiente específico, a escola, logo nos vem à mente o ambiente escolar, pois é nesse espaço que se desenvolve o ensino e o desenvolvimento dos e das discentes. O importante nesse sentido é termos entendimento que esse espaço, como muitos outros em nossa sociedade, estão em disputa, mesmo com as reformas e revoluções ao longo da história, das modificações dos métodos e das mudanças no poder e no rumo das nações, a escola e a educação continuam sendo um campo em disputa. Sobre isto, Gasparin aponta: “A escola em cada momento histórico, constitui uma expressão e uma resposta a sociedade na qual está inserida. Nesse sentido, ela nunca é neutra, mas sempre ideológica e politicamente comprometida”. (GASPARIN, João Luiz. 2012. p. 1 e 2).

Uma classe dominante tenta ao longo da história traçar objetivos e ações para que a classe dominada esteja à mercê dos ideais que tornam a nossa educação pensada para formar trabalhadores e não mentes críticas. Nesse sentido, é bom nos questionarmos como modificar essa problemática, por exemplo, a partir da pergunta: como pensar ensino-aprendizagem em um cenário complicado?

O professor Gasparin ao longo da sua obra *Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica* tenta trazer uma saída, uma das ideias que deve-se entender com clareza é o processo educativo e como os conteúdos devem ser empregados, assim Gasparin coloca que: “(...) a responsabilidade do professor aumentou, assim como a do aluno. Ambos são coautores do processo ensino-aprendizagem. Juntos devem descobrir a que servem os conteúdos científico-culturais propostos pela escola”. (GASPARIN, João Luiz. 2012. p. 2).

Para compreender essa perspectiva devemos entender cada passo do processo. É possível organizar estes passos em cinco pontos, que vão definir na teoria as fases de um processo completo. Não se trata de dispensar algum conhecimento, mas trata-se de traçar estratégias e objetivos para a educação. Gasparin coloca estes cinco passos da seguinte forma:

a) Prática social inicial

Quando nos mobilizamos para entender o que os alunos sabem ou que conhecimentos pré-estabelecidos eles tem, estamos partindo do primeiro ponto, a *Prática Social Inicial* deve tratar de buscar quais são os conhecimentos prévios do aluno, além de tentar traçar quais as dificuldades e habilidades na hora de tratar qualquer tema.

O interesse do professor por aquilo que os alunos já conhecem é uma ocupação prévia sobre o tema que será desenvolvido. É um cuidado preliminar que visa saber quais as “pré-ocupações” que estão nas mentes e nos sentimentos dos escolares. Isso possibilita ao professor desenvolver um trabalho pedagógico mais adequado, a fim de que os educandos, nas fases posteriores do processo, apropriem-se de um conhecimento significativo para suas vidas (GASPARIN, 2012, p. 14).

É importante partir dos conhecimentos prévios dos alunos, pois é nesse momento que vemos as reais necessidades dos mesmos. Além da busca pela importância da aula para os alunos, é nesse momento também que se faz a primeira ligação com a realidade social do discente, visto que se o conteúdo da aula não tiver conexão com a vida ou não tiver um uso prático e teórico para o aluno, será somente conteúdo descartável.

Essa primeira conexão entre aluno e professor é importante para que se possam traçar parâmetros e estratégias, tentando ser preciso na hora da aplicação da aula. Obviamente acaba sendo ainda mais importante quando vivemos em uma realidade onde o ensino de História tem apenas duas aulas na semana no ensino público estadual. Apesar das tentativas de diminuição na carga horária de aulas, essa fase é determinante na hora da escolha do tema da aula, uma aula que possa trazer conhecimentos e questionamentos que os alunos ainda não tiveram acesso, mas com o auxílio do professor, o discente pode transformar seu conhecimento primário em um discurso muito mais profundo. “Essa percepção é uma expressão da vida concreta e particular dos alunos, daquilo que vivenciam cotidianamente de maneira próxima, mas também reflete e reproduz a prática social mais distante e geral”. (GASPARIN, 2012, p. 14).

b) Problematização

Exploradas as questões iniciais da aula, parte-se para o segundo passo, a problematização das questões levantadas na etapa inicial da aula, nesse momento inicia-se a análise da realidade utilizando a teoria para questionar os discursos com suas “verdades” e contradições. O conteúdo histórico é levantado já nesse momento, tenta-se verificar se o que os alunos têm conhecimento, se confere com a realidade social e econômica do aluno e com a produção de conhecimento relacionado ao tema da aula.

O processo de ensino-aprendizagem, nesse caso, está em função das questões levantadas na prática social e retomadas de forma mais profunda e sistematizada pelo conteúdo curricular. De acordo com essa proposta teórico-metodológica, as grandes questões sociais precedem a seleção dos conteúdos (GASPARIN, 2012, p. 35).

É importante lembrar que os conteúdos muitas vezes são definidos por Currículos como a Base Nacional Comum Curricular. Mas em contrapartida devemos ter clareza, devemos questionar as práticas sociais, pois são elas que acontecem no nosso cotidiano, é preciso resolver questões importantes, visto que essa ideia busca propostas para a ação e prática de mudança, não se pode tratar de conteúdos que sejam totalmente deslocados da realidade do aluno, da qual partimos no primeiro ponto.

Por isso, o conteúdo escolar será sempre um instrumento de compreensão da realidade em que aluno e professor estão inseridos... cada conteúdo se reveste de diversas dimensões, uma vez que nasceu de uma realidade que contém todos esses elementos e, agora, a ela retorna de forma mais clara, sistematizada, iluminando a compreensão e a ação social e escolar do educando (GASPARIN, 2012, p. 38).

Como Gasparin coloca a problematização “é o fio condutor de todo o processo de ensino-aprendizagem” (GASPARIN, 2012, p. 47), nesse sentido o aluno parte de sua realidade para algo desafiador, algo novo, sempre buscando avançar quanto ao desenvolvimento do aluno.

c) Instrumentalização

Quando se lida com a educação, é preciso ter certeza de que ela é embasada em conteúdos históricos, um acumulado histórico do ser humano

(ciência, arte e filosofia), escritos por pensadores que dão embasamento para a fala de quem utiliza seus conhecimentos. Todo o conhecimento produzido vem de alguma vertente, logo não é neutro. Para Gasparin (2012, p. 51) essa aprendizagem “não é neutra, mas política e ideológica, direcionada intencionalmente às classes trabalhadoras. Teoricamente, a construção do conhecimento efetua-se de um ponto de vista oposto ao das elites”.

Para entender então como acontece a terceira fase do pensamento Histórico-Crítico, é importante antes trazer ideais de desenvolvimento da criança, onde o autor utiliza Vigotski e sua discussão com Piaget, nesse momento entendemos que Piaget segue por uma vertente biológica, mas Vigotski não se contenta com isso, e para questionar a ideia de que o desenvolvimento é somente espontâneo, decide fazer seus estudos observando dois conceitos. Em primeiro lugar a Aprendizagem, que na prática é o que fazemos na escola, demonstrando os conteúdos históricos, sempre tentando avançar, saindo da área de conforto dos alunos. O Desenvolvimento ao contrário, está ligado a tarefas do dia-a-dia, onde a criança muitas vezes faz, sem se dar conta, de forma automática. Ao fim de sua discussão Vigotski demonstra que se utilizado a Aprendizagem de maneira correta, pode-se avançar no desenvolvimento das crianças. Com efeito, segundo o próprio Vigotski “a aprendizagem pode ir não só atrás do desenvolvimento, não só passo a passo com ele, mas pode superá-lo, projetando-o a frente e suscitando nele novas formações” (Vigotski, *apud* Gasparin, 2012, p. 73).

É importante ressaltar isso, pois quando falamos de Instrumentalização, é preciso desenvolver uma forma de transformar esse processo em uma prática. Nesse sentido o professor será muito importante, pois se trata de um procedimento que o discente ainda está desenvolvendo, ou seja, a criança é capaz de realizar, mas precisa de orientação. Essa orientação pode ser feita: “O auxílio dessa outra pessoa consiste em perguntas sugestivas, indicações de como iniciar a tarefa, diálogo, experiências vividas juntos, colaboração” (GASPARIN, 2012, p. 77).

Gasparin coloca que nessa perspectiva de Vigotski a aprendizagem é gerada com o auxílio do professor em um patamar acima do espontâneo. Devemos entender que o conteúdo agora instrumentalizado junto às práticas e atividades dentro de sala de aula, é mais profundo do que as questões pensadas no primeiro momento com a Prática Social Inicial, logo mostra o avanço do processo, os alunos

colocam em prática sob a observação e cuidado de alguém preparado, que vai de alguma maneira criando as oportunidades para que o aluno avance para um ponto que antes não era possível.

Para demonstrar como a criança se desenvolve, Vigotski determina que a criança aprenda por sistemas, sempre entendendo um sistema de generalidades, ou seja, aspectos mais abrangentes de algum tema específico, para que posteriormente possa desenvolver uma nova aprendizagem, assim entendendo novos sistemas, conceituando generalidades que não eram possíveis anteriormente. Gasparin coloca então que em suma, quanto mais a aprendizagem for desenvolvida desafiando o aluno, o seu desenvolvimento será mais avançado.

Em conclusão, o *sistema* constitui o ponto básico que aparece no pensamento da criança, ao redor do qual se constitui toda a história do desenvolvimento dos conceitos científicos na idade escolar. A sistematização ou o sistema é um novo que surge no pensamento da criança com o desenvolvimento de conhecimentos científicos. Tanto o sistema quanto o desenvolvimento dos conceitos científicos elevam seu desenvolvimento mental a um nível cada vez mais alto (GASPARIN, 2012, p. 77).



Imagem 1: Esquema sobre o processo educativo
Fonte: GASPARIN, 2012, p. 115.

O professor então será um agente, fazendo uma mediação, instrumentalizando a discussão e aos poucos tornando o aluno mais preparado para o que vem a seguir.

d) Catarse

Após os três processos apontados até agora, chega o momento de ver como os discentes assimilaram as aulas, será que após a descoberta do que era realmente necessária para a turma houve aprendizagem?

É importante lembrar que a chegada a quarta fase do processo, demonstra na prática como os primeiros questionamentos levantados, foram durando as outras fases do processo sendo trabalhadas, questionadas e discutidas, formando assim uma síntese, um ideia nova, reelaborada e muito mais avançada. Essa acaba sendo a grande diferença entre os conhecimentos pré-estabelecidos e os conhecimentos científicos, se ao primeiro momento as ideias na Prática Social Inicial não eram tão embasadas, nessa fase o conhecimento já sofreu grandes mudanças, é encarado então como um: “Novo instrumento de trabalho, de luta, de construção da realidade pessoal e social”. (GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 2012. pág. 126).

A Catarse é a prática teórica que deve ser resultado após a discussão dos conteúdos e temas, após a Problematização e Instrumentalização o aluno deve estar preparado para a escrita do que foi aprendido pelo mesmo. Os conceitos serão repensados durante as aulas e devem ser reformulados na Catarse. A chegada a esse ponto é importante, pois representa o quanto o processo de ensino-aprendizagem foi entendido teoricamente e aplicado na prática social.

A Catarse é a demonstração teórica do ponto de chegada, do nível superior que o aluno atingiu. Expressa a conclusão do processo pedagógico conduzido de forma coletiva para a apropriação individual e subjetiva do conhecimento. É o momento do encontro e da integração mais clara e consciente da teoria com a prática na nova totalidade. Os conteúdos tornam-se verdadeiramente significativos porque passam a fazer parte integrante e consciente do sistema científico, cultural e social de conhecimento (GASPARIN, 2012, p. 127).

e) Prática social final do conteúdo

À volta a prática social é a demonstração na realidade social e econômica do aluno de tudo que foi trabalhado até o momento, depois de partir de perguntas ou ideias iniciais na Prática Social Inicial, posteriormente a Problematização, a Instrumentalização, chegamos a aplicação do que se tentou expor da Catarse. Após

pensar os problemas reais da sociedade, buscar nos conteúdos associação com a realidade, pode pensar propostas de mudanças é preciso colocá-los em prática. Ora a partir desse momento o aluno tem um pensamento mais elaborado, deve com isso interferir na realidade social da sua comunidade, passa-se a buscar maneiras de aplicar as ideias, a teoria na Prática Social Final.

Desenvolver ações reais e efetivas não significa somente realizar atividades que envolvam um fazer predominantemente material, como plantar uma árvore, fechar uma torneira, assistir a um filme etc. Uma ação concreta, a partir do momento em que o educando atingiu o nível do concreto pensado, é também todo o processo mental que possibilita análise e compreensão mais amplas e críticas da realidade, determinando uma nova maneira de pensar, de entender e julgar os fatos, as ideias. Uma nova ação mental (GASPARIN, 2012, p. 140).

O início do artigo trata de como essa possibilidade é na prática revolucionária, pois trata de realizar ações reais sobre todo o processo de aprendizagem, buscando ao fim, transformar a realidade da sociedade. “A Prática Social Final é a confirmação de que aquilo que o educando somente conseguia realizar com a ajuda dos outros agora consegue sozinho, ainda que trabalhando em grupo” (GASPARIN, 2012, p. 142).

3. Aula Oficina

Após entender o processo da Pedagogia Histórico-Crítica, bem como a proposta didática de Gasparin, daremos o próximo passo, que é explicar a Aula-oficina. Precisamos ao primeiro momento então definir no que se diferencia o modelo que aqui se quer defender em contraponto o modelo tradicional utilizado em grande maioria das escolas do ensino brasileiro.

O modelo tradicional aplicado tem problemas, de alguma maneira professor e escola estão em muitos casos presos às amarras de Currículos, tem por obrigação apresentar e dar conta de certo conteúdo, o aluno deve aprender para os exames, são feitas provas escritas para avaliar o quanto o aluno conseguiu assimilar desse conteúdo proposto. Ao fim do ciclo aluno e professor pouco discutiram, os alunos em sua grande maioria irá descartar o conteúdo com o tempo, pois não há relação com sua realidade social e não será útil para a vida.

Essa relação demonstra uma hierarquia, que apesar de ser óbvia, não pode ser eternamente mantida. Como foi proposto no primeiro momento, a ideia do ensino é que em um primeiro momento aluno e professor tenham diferenças sobre determinado assunto, mas que ao fim do processo de ensino-aprendizagem ambos estejam equiparados em nível de discussão. Mas no modelo tradicional, professor terá todo o conhecimento e aluno estará sempre abaixo na hierarquia.

O modelo de 'aula-conferência' proposta pelo paradigma tradicional baseia-se numa lógica do professor como detentor do verdadeiro conhecimento, cabendo aos alunos – por normas e catalogadas como seres que 'não sabem nada', 'não pensam' – receber as mensagens e regurgitá-las corretamente em teste escrito (BARCA, 2004, p. 1).

Estamos a todo o momento questionando o modelo de escola e de aula que temos hoje, um modelo que é antigo e ultrapassado. Aprendemos a encarar a escola e a sala de aula como algo definido e sem possibilidade de mudança, mas é nesse momento que devemos rever nossos conceitos. A aula deve ser preparada para que o aluno participe a fim de aprender associando a sua realidade e construindo saberes na troca de informações, seja com colegas ou com professor, para chegar a um conhecimento mais avançado. É nesse sentido que a professora Isabel Barca

propõe o projeto de aula-oficina buscando uma forma de quebrar com esse paradigma.

Entende-se que o conteúdo não é o ponto principal na educação, mas é o meio utilizado para alcançar os objetivos finais, no caso da História a aprendizagem histórica. A partir dessa ideia de aula, todo o modelo anterior se torna antiquado, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, passando pela epistemologia da História e finalmente chegando à avaliação por meio de produção de material, como por exemplo, narrativa histórica. Podemos ver que ao fim dessa sequência definida de ações, teremos um resultado muito bom e satisfatório como o de tornar os alunos agentes sociais. De acordo com BARCA (2004, p 3).

De acordo com os debates atuais em torno do conhecimento histórico (Fay, Pompa & Vann, 1998; Rüsen, 1998), ser instrumentalizado em História passa por uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado.

Essa ideia parte do pressuposto da indissociabilidade entre pesquisa e ensino, teoria e prática. Usando de uma pesquisa etnográfica, ou seja, quando o agente é introduzido no meio em que se quer estudar, pode-se descobrir qual o nível cognitivo que os alunos detêm anteriormente a aplicação dos conteúdos, pode-se descobrir também as necessidades que a sala em geral tem em relação a vida social. Para que essa ideia surta efeito, é importante procurar saber o que o aluno entende sobre os conteúdos históricos e procurar operacionalizá-los para aperfeiçoar a aprendizagem histórica, ou seja, aprendendo e associando a sua realidade, o aluno pode entender e utilizar da literacia histórica ou a habilidade de compreensão do passado.

A expressão “Literacia histórica” é referente à construção de um modo específico de entender o mundo de acordo com a ótica da história. Seria um letramento próprio da história, um raciocínio histórico, e que, por isso mesmo, parte de procedimentos relativos à história (LEE, 2006). O termo “literacia” no sentido de “letramento” ou “alfabetização” seria uma vertente da construção da consciência histórica, mas que marca o processo de aprendizagem (BARCA, *apud* CAINELLI et al, 2016, p.192).

Pode-se propor então a ideia das aulas oficinas que fazem com que o aluno aprenda história sendo agente da sua própria história, entendendo sua realidade por meio de tarefas desafiadoras.

A aula-oficina parte do pressuposto que a aprendizagem em história acontece na articulação entre os conhecimentos prévios e os conteúdos que se trabalha em sala de aula, pensando os conteúdos como parte importante do cotidiano escolar, não como estanques no livro didático, mas em permanente mutação.(...)A relação ensino-aprendizagem da história se estabelece na forma pela qual o trabalho com fontes, as estratégias de ensino, os materiais didáticos, os objetos históricos, entre outros, colaboram para a formação ou reelaboração das ideias históricas e da consciência histórica de alunos e professores. (CAINELLI et al, 2016, p. 196).

Entende-se que a aula-oficina trata de colocar os alunos na prática, tanto do estudo e leitura de fontes, como na produção de conteúdo histórico, tornando sua narrativa que ao primeiro momento se baseava no senso comum, para uma narrativa histórica.

4. Trabalho em aula

Entendendo os dois conceitos principais que baseiam o artigo, a Pedagogia Histórico-Crítica, a didática para tal e a aula-oficina, é necessário, neste momento, apresentar os resultados práticos desse processo. A experiência em questão foi aplicada na disciplina de Estágio Obrigatório II do curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Foram feitas observações dentro de sala de aula para que na sequência pudessem ministrar as aulas-oficinas, as que aconteceram no colégio Professor Flavio Warken.

O Colégio está situado em uma região que foi muito importante para a formação da cidade, pois é nessa região que moravam os trabalhadores tanto da construção quanto manutenção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Os bairros dessa região foram organizados de maneira a separar as pessoas por meio da base Sociotécnica de Trabalho existente na Sociedade Capitalista, ou seja, uma Vila para cada classe¹.



Imagem 2: Colégio Estadual Professor Flávio Warken.

Fonte:

<http://www.fozflaviowarken.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=12>

¹ Confrontar: Projeto Político Pedagógico da Escola Professor Flávio Warken, 2014.

A escola nunca deixou de pensar na condição sociocultural dos estudantes. Em outras palavras, se considerou as culturas dessa região ou de marcos históricos como a Cultura Africana e Indígenas. O Colégio conta com um trabalho de conscientização entre educadores e educandos que procura a integração, respeito e reconhecimento das diferenças (Projeto Político Pedagógico, 2014).

Pode-se observar o trabalho duro da equipe pedagógica como um todo na tentativa de tornar a escola um lugar acolhedor e realmente redentor quando se fala de ensino. Neste Colégio, houve uma mudança muito grande com a entrada da Diretoria. Com efeito, é possível observar um trabalho contínuo que procura que os alunos realmente desejem o envolvimento nas atividades propostas pela escola. Isto não foi fácil, na verdade, é produto de um árduo trabalho. Apesar de entendermos que a educação brasileira precisa de grandes mudanças, o colégio observado vem de todas as maneiras fazendo o melhor por todos os alunos.

Os projetos na escola estão sempre ligados à cultura e a vida social dos alunos, visto que são alunos que em sua grande maioria são filhos e netos de trabalhadores da construção de Itaipu, falar de questões que envolvem a sociedade é normal para os alunos da escola. No caso das iniciativas culturais a escola está sempre disponibilizando palestras falando de muitos temas, sempre trazendo conhecimento novo para os alunos, em alguns casos as palestras são realizadas pelos próprios alunos. No caso da turma analisada, no segundo semestre de 2019, os mesmos organizaram palestras sobre depressão e ansiedade.

A cidade de Foz do Iguaçu também conhecida como uma cidade militarizada conheceu a ditadura militar de perto e sua falta de representatividade, isso é registrado ainda hoje, quando se tenta fazer um projeto de escola com uma gestão democrática, o “querer ou não escolher” está presente até hoje na cultura da cidade, influenciando assim as escolas de Foz do Iguaçu.

É importante lembrar que a situação da educação no Brasil que já era complicada, e acabou ficando pior. Com a mudança de Governo, veio também à incerteza do trabalho dentro de sala de aula, pessoas mal preparadas estão no comando da educação e a cada dia mais desastres acontecem, discursos totalmente sem embasamento e com uma ideia, que para nós agentes da educação, só significa uma continuidade na reprodução de conteúdo, que forma pessoas para se

tornarem mão de obra desqualificada, fazendo com que nossa pirâmide de desigualdade se mantenha da forma que está.

Hoje estamos em uma zona de conflitos quando falamos de educação, no Brasil existem pensadores importantíssimos para as pedagogias em geral, mas após nossa última eleição ficamos a mercê do que está por vir, fala-se em extinção de Paulo Freire e de qualquer marxismo que esteja nas salas de aulas. É nesse momento que nosso papel como Professor deve ser exercido com muita vontade e embasamento, pois influenciam na formação de seres sociais aptos a viver em sociedade. Quem busca uma educação revolucionária nunca teve sossego e nesse atual momento não será diferente, devemos lutar para que possamos tornar a Educação Libertadora uma arma de todos os alunos do Brasil.

No estudo realizado por “Ação Educativa”, “De Olho nos Planos” e “Carta Educação” intitulado “Educação em disputa 100 dias de Bolsonaro” é feito um estudo que demonstra como aconteceu logo no começo do mandato um desmonte da nossa educação pública, se a situação era ruim, aos poucos foi ficando mais complicada. Nesse trabalho feito por mãos que estão arduamente no trabalho da educação, é possível identificar como os problemas vão se agravando.

Devemos destacar uma parte importante que as entrevistadoras Ana Luiza Basilio e Júlia Daher nos colocam:

Não é tarefa fácil avaliar os primeiros cem dias do governo de Jair Bolsonaro no campo da educação. A dificuldade, entretanto, não se relaciona com a complexidade das propostas educacionais formuladas, mas com a ausência de qualquer direcionamento para a política educacional que busque concretizar os marcos legais e enfrentar os desafios estruturais da educação brasileira. Com relação ao Plano Nacional de Educação (PNE), lei 13.005 aprovada em 2014 – que representou um esforço suprapartidário e estabeleceu metas para os próximos dez anos para que o Brasil avance na garantia do direito à educação de qualidade – a situação é de total abandono. (BASILIO, Ana Luiza e DAHER, Júlia, 2019, p. 7).

Esta parte no estudo destaca a complexidade que o problema tem, não se trata de questionar esse ou aquele ponto proposto, mas sim de uma real ameaça a tudo que foi construído até hoje, um total descaso com os órgãos e secretarias que nos auxiliam, abandono de todos os bons processos feitos até o momento.

- **Turma onde aplicamos a aula-oficina**

A turma escolhida para aplicação da aula-oficina, baseada esta na Pedagogia e Didática Histórico-Crítica, foi o Terceiro Ano Técnico em Edificações, uma turma formada por adolescentes entre 16 e 18 anos de idade. Em termos concretos, foi aplicada uma aula temática sobre o conceito de “escola”. É uma temática muito boa na prática, pois partindo desse conceito se consegue questionar muitos pontos da nossa sociedade.

Ao primeiro momento deveria ser definida a questão problema, a questão que realmente parecia ser de grande importância e que acabou por nortear toda a aula-oficina, a questão foi entender qual a relação entre a classe social e o estudo, entendendo a escola como uma peça importantíssima na educação, buscando entender como ela foi estabelecida da maneira que conhecemos hoje e qual a sua influência na educação que temos.

Após uma primeira rodada de perguntas conseguiu-se entender qual era a visão dos alunos sobre o tema e qual a relação deles com a escola, pode-se observar que os alunos estavam ligados a escola de uma maneira mais profunda, entendendo a escola como lugar de mudança, de proposta e de um futuro possível. Alunos demonstraram que em seus discursos que a escola era muito importante, que eles entendiam que seu lugar era nesse meio. Os mesmos foram muito participativos e estiveram abertos a todo o momento para a discussão. Uma das perguntas feitas aos estudantes foi se a escola cumpria seu papel na sociedade, houve dois caminhos de respostas mais utilizados, o primeiro que a escola não cumpria seu papel, pois a transformação dos alunos em seres sociais transformadores era falha, em segundo pelo contrário que a escola cumpria sua função de apresentar os conteúdos científicos.

Partindo dessa primeira ideia pudemos colocar para os alunos como a escola e a educação que conhecemos hoje foram formadas a partir da Revolução Francesa e a criação da Educação Burguesa, buscando a partir dessa exposição buscar as causas da “perca do brilho” pela a educação e a dificuldade das pessoas de classes mais baixas em ingressar no Ensino Superior. Obviamente esse tema tem muita a ver com a maioria dos brasileiros, visto que o Brasil é um país cheio de desigualdades, com uma educação que ainda tem muitas dificuldades e em período

atual de possíveis cortes na educação nos preocupa ainda mais como professor, educadores e formadores de seres sociais que possam influenciar no mundo futuramente.

É possível ver aqui no primeiro momento a aplicação como os métodos se completam, no primeiro momento da aula-oficina buscassem levantar as ideias iniciais dos alunos e na teoria Histórico-Crítica é nesse momento que acontece a Prática Social Inicial.

A organização foi preparada para que a aula pudesse ser objetiva e sem delongas chegar aos objetivos propostos. Partindo dos conhecimentos pré-estabelecidos dos alunos foram apresentadas então as fontes históricas sobre a Revolução Burguesa e a ideia de formação da classe trabalhadora, enquanto a aula era exposta, os alunos ficaram livres para fazer comentários e discutir. Os conteúdos foram apresentados usando o multimídia da escola e também textos impressos que foram entregues para os alunos para que eles pudessem fazer citações utilizando o material disponibilizado por nós professores. Foi organizada dessa maneira pensando em desenvolver a Narrativa Histórica dos alunos, fazendo com que a discussão junto com a apresentação da fonte fosse importante para a construção do conhecimento. Em sequência foi pedido para que os alunos produzissem uma proto-narrativa utilizando a discussão na sala e as fontes apresentadas, dessa maneira seria possível identificar se o assunto foi realmente internalizado pelos alunos.

Já na segunda aula aplicada foram seguidas as mesmas ideias, mas nessa segunda parte, o tema da aula passou a ser a dominação usando para o estudo a obra de Michel Foucault. VIGIAR E PUNIR, Terceira Parte, Capítulo I – Os Corpos Dóceis. Foi feita então a leitura do texto juntamente com os alunos, tentando fazer perguntas que os fizessem pensar em certos pontos do texto, colocando algumas palavras chaves para que os alunos pudessem utilizar seus questionamentos relacionando o texto e a escola em que vivem. Assim com a apresentação da fonte histórica foi feita uma nova discussão com os alunos, assim os alunos puderam associar a teoria a sua vida pessoal dentro da escola.

A turma detinha um total de doze alunos, nesse número é importante destacar que a turma era composta por maioria de mulheres, isso agregou ainda mais a qualquer discussão que se poderia pensar dentro de sala, principalmente quando tocamos em assuntos que os alunos achavam que deveriam ser tratados

dentro da escola, mas pelo ambiente ainda seguir algumas diretrizes conservadoras não era possível. A turma inteira ficou intrigada de como a revolução francesa que transformou a escola daquele momento, fizeram vários comentários de como isso influenciou a escola de hoje e como o modelo ainda é muito parecido com o temos hoje.

Sendo filhos de trabalhadores também puderam pensar e associar a realidade da escola como formadora de mão de obra barata para o capitalismo, com a leitura do texto de Foucault também foi possível entender a ideia de dominação ensinada, uma ideologia que influencia o comportamento das pessoas desde a escola até o dia-a-dia em sociedade, sempre obedecendo a ordens e em muitas situações não se questionando sobre as mudanças da nossa sociedade e nem atuando na mesma.

Nesse momento se apresenta a segunda parte da aula-oficina a Leitura e Interpretação das Fontes, do mesmo modo na Pedagogia Histórico-Crítica, onde se faz a Problematização e na sequência a Instrumentalização, nesse momento a discussão já não era a mesma do primeiro momento, após a apresentação da fonte histórica e discussão da mesma, a narrativa era mais evoluída e embasada.

Em um terceiro momento da aula, começa-se a transpassar a discussão para a prática teórica, ou seja, as discussões ganham forma na escrita, onde na aula-oficina denomina-se desenvolvimento e síntese, também na Pedagogia Histórico-Crítica entende-se Catarse, onde o aluno vai exprimir as ideias trabalhadas em sala de aula, pode-se fazer de muitas maneiras a Avaliação ou resultado da aula. A escolhida para essa sala em específico foi a forma escrita, produzir uma Narrativa Histórica, utilizando as discussões de sala juntamente com o Conteúdo Histórico apresentado e discutido em sala, associando sempre a sua realidade.

Para finalizar a Avaliação foi a reescrita da proto-narrativa agora muito mais embasada por mais conteúdo histórico e também pelas discussões dentro de sala de aula, essa narrativa deveria ter todos os pontos que foram aplicados na Aula Oficina, assim construindo uma Narrativa Final, buscava-se ver se os alunos tinham conseguido compreender toda a discussão proposta, para que a Aprendizagem Histórica tomasse forma e fosse útil para a vida deles, seja no momento atual de lutas pela educação, seja no futuro na vida pessoal dos alunos.

Após a Atividade de sintetização das ideias trabalhadas na aula chega o momento do trabalho prático no caso da aula-oficina os alunos estarão preparados, nesse momento entende-se o discente como Agente Social, um indivíduo que irá interferir na sua realidade, para a mudança da sociedade. Da mesma maneira o discente na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, aonde ao fim do processo chega-se a Prática Social Final, que tem os mesmos preceitos, onde o aluno irá aplicar a síntese do conteúdo aprendido na sua comunidade, influenciando também na mudança de sociedade.

É nesse momento que vemos como as duas práticas se completam Pedagogia Histórico-Crítica e a aula-oficina tem na prática o mesmo objetivo, transformar os discentes em agentes sociais, entendendo o mundo como uma construção de narrativas, que podem e devem ser questionadas. Além de associar a realidade do discente, as duas metodologias trabalham com propostas de futuro, podendo sempre ver saídas para as situações complicadas que a América-Latina passa.

5. Análise da experiência e considerações finais

Seguindo a metodologia pré-estabelecido pelo plano de aula elaborado anteriormente, foi possível seguir os passos apresentados no item anterior, os alunos estavam do 3º Ano Técnico, então a discussão apesar de ter um nível elevado de abstração, foi muito bem recebida pelos mesmos, os alunos foram participativos, apresentaram seus argumentos associando ao conteúdo exposto dentro de sala de aula e produziram sua narrativa com muita qualidade.

Foi observado que os alunos gostaram da proposta de aula-oficina, eles se sentiam realmente agentes do processo educativo e não simples ouvintes de um professor que detém todo o conhecimento historicamente acumulado. Os alunos também ficaram a vontade para trazer situações de fora do ambiente escolar, como em sua vida particular com amigos e familiares, alguns casos os alunos associaram a discussão que estava ocorrendo dentro da sala de aula as discussões com os amigos sobre o momento atual da educação no país.

As dificuldades que apareceram ficaram mais presentes quando se tratava de tempo de aula, pois apesar da primeira aula ter decorrido no tempo determinado, a segunda em compensação extrapolou o tempo desejado. Claro que isso mostra que a discussão rendeu, mas o tempo é algo importantíssimo quando falamos de escola e sala de aula, pois os professores tem seu tempo limitado e precisam estabelecer estratégias para fazer com que o horário da aula seja bem utilizado. Quanto à organização da sala, tudo ocorreu normalmente, já que os alunos eram mais velhos, eles se comportaram muito bem, apesar da oficina querer questionar esse modo de “adestramento”, foi importantíssimo que eles prestassem atenção em um primeiro momento, mas logo depois a relação entre aluno e professor foi ficando mais próxima, assim dando liberdade de expressão para todos os alunos.

O que mais chamou a atenção foi o fato de que algumas expectativas nossas foram desconstruídas, pois acabamos pensando que os alunos tinham poucos argumentos para uma discussão, mas pudemos observar que por conta da era da informação e a ideia de questionamento que todos os alunos têm, os seus discursos foram muito bem preparados. As suas narrativas produzidas mostraram que na realidade, o problema está em saber expor suas ideias e opiniões e não na falta delas.

É importante lembrar que o andamento das aulas com sucesso se deve a aceitação dos alunos e da determinação dos mesmos em ajudar na aula, tanto nas falas na discussão quanto nas leituras feitas durante a aula. Como já falado anteriormente o silêncio e o comportamento foi uma questão a ser destacada, mas de maneira nenhuma foi preciso usar do autoritarismo para pedir o respeito, o silêncio ou a colaboração dos mesmos. Nesse sentido FREIRE, Paulo (1996, p 56) coloca que o trabalho do professor é manter-se sempre em constante crescimento, um professor que não tem exerce essa atividade não tem direito moral para questionar o funcionamento da sala, a autoridade do professor está ligada a competência.

A Real disciplina jamais minimiza a liberdade. A autoridade coerente e democrática está convicta que a disciplina verdadeira não existe na estagnação. (FREIRE, Paulo, 1996, p 56).

Vemos que a autoridade não é conquistada com dureza ou repressão, mas o bom professor, que se desenvolve sempre no sentido “forward” ou “em frente”, consegue por meio de seus estudos mostrar sua experiência e autoridade, assim conseguindo a colaboração da sala nos momentos necessários, sem que necessite se encarado como um ditador

Partindo do planejamento pré-estabelecido, chegamos aos resultados esperados, às narrativas feitas pelos alunos foram bem elaboradas, durante as aulas e também a aplicação das avaliações o nosso lado de protesto também foi entendido e aceito pelos alunos que também se posicionaram contra os retrocessos na educação tanto nas suas falas quanto na construção de suas narrativas.

Na sequência Paulo Freire aponta também que:

Creio que nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação. Desse ponto de vista, que é reacionário, o espaço pedagógico, neutro por excelência, é aquele em que se treinam os alunos para práticas apolíticas, como se a maneira humana de estar no mundo fosse ou pudesse ser uma maneira neutra... (FREIRE, Paulo, 1996, p 60)

Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar se não brigo por este saber, se não luto pelas condições

materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar. (FREIRE, Paulo, 1996, p 63)

É importante retirar deste trecho algumas dúvidas que surgiram conforme a preparação das aulas foi sendo desenvolvida, obviamente não queríamos que os alunos pensassem que estávamos tentando encucar ideias de qualquer natureza na cabeça pensante deles, pois em tempos de crise onde qualquer discurso é associado a esse ou aquele partido, precisamos ser cautelosos e ficarmos atentos. Mas Paulo Freire nos consola, dizendo então que o ambiente de sala de aula não é algo acrítico, mas sim um campo em disputa, e como professor ligados ao meio social, entendendo as mazelas dessa sociedade e o grande trabalho das classes dominantes para se manter no poder, é obrigatório nosso posicionamento contrário ao pensamento dominante.

Nesse sentido a autora Déa Ribeiro coloca também um posicionamento que vem a colaborar com o que foi explicitado anteriormente, colocando que na nossa área especificamente de História, devemos além de nos posicionar dentro de sala, devemos também deixar claro em nossas publicações, para que não sejamos “meros reprodutores”.

Não tenho dúvida de que para fazer avançar qualquer proposta concreta como professores de História ou formadores de profissionais de História temos de assumir a responsabilidade social e política com o momento vivido. Para isso seria necessário antes de mais nada romper com uma maneira tradicional de conceber conhecimento, sua produção e sua transmissão. Isto significa, para mim, em primeiro lugar, o posicionamento no presente, para sermos coerentes com a postura de “sujeitos da História”. Se queremos avançar nesta perspectiva temos de nos considerar como “produtores” nesta sociedade que queremos democrática e não como simples repetidores e reprodutores de concepções ultrapassadas. (Déa Ribeiro Fenelon, 1982, p 23 e 24).

A obra de Paulo Freire é muito incrível e aparentemente de mais fácil compreensão a partir do momento que o autor coloca vários exemplos para que se torne mais fácil à compreensão do que estar sendo descrito, um dos bons exemplos quanto a autonomia, está no exemplo pai e filho que iremos transcrever:

Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Porque o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos.

(FREIRE, Paulo, 1996, p 67)

É importante que saibamos que nosso papel como professores é e sempre será mudar a sociedade de baixo para cima, começando em cada aula, para cada aluno que precisa de um afago. Não significa nos deixar levar simplesmente pelo sentimento, mas também pela lógica de educação de superação, que vai nos levar a acabar com preconceitos, desconstruir ideias erradas e reconstruir buscando o mais correto possível.

Paulo Freire nos deixa bem claro quando diz que:

O nosso é um trabalho realizado com gente, miúda, jovem ou adulta, mas gente em permanente processo de busca. Gente formando-se, mudando, crescendo, reorientando-se, melhorando, mas, porque gente, capaz de negar os valores, de distorcer-se, de recuar, de transgredir. Não sendo superior nem inferior a outra prática 'profissional, a minha, que é a prática docente, exige de mim um alto nível de responsabilidade ética de que a minha própria capacitação científica faz parte. Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna.

(Paulo Freire, 1996, p 91)

Ao fim seu discurso de esperança demonstra acima de tudo o pensamento sonhador, mas nunca utópico que quem acredita como nós acreditamos na educação tem, a ideia de que podemos sim, mudar o mundo por meio da educação, uma educação que seja libertadora, que traga a quebra de paradigmas e em consequência recrie melhores paradigmas, que possam ser alcançados, sempre pensando na autonomia do aluno em relação a busca pelo conhecimento. Paulo Freire nos deixa mais palavras de acalento, como já havíamos visto em obras de outro autor conhecido Saviani, onde nos faz ver que a esperança anda lado a lado com a luta pela democracia e pela educação que queremos.

Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar. (Paulo Freire, 1996, p 64).

Falando agora sobre o trabalho do professor de História, também pesquisador e produtor de conteúdo científico, é importante que mantenhamos o ritmo constante, na hora da produção devemos nos certificar das fontes que usaremos em nosso trabalho, para que não caiamos no erro de utilizar fontes que ao contrário do que queremos reforcem o preconceito que existe na sociedade.

...na atividade prática do historiador “tudo começa como o gesto de selecionar, reunir e transformar em documentos” determinados objetos distribuídos de outra forma. Na verdade, a tarefa do historiador é a de produzir tais documentos, pelo próprio fato de recopiar, transcrever ou fotografar esses objetos, mudando ao mesmo tempo, seu lugar e estatuto. O historiador, portanto, não recolhe apenas os dados, ele constitui e é ele quem dá vida ao fato histórico, definindo sua importância e organizando-o de acordo com seu sistema de referências. (Déa Ribeiro Fenelon, 1982, p 25).

Devemos saber que no uso das fontes na formação de indivíduos críticos, por obrigação deveremos trazer fontes que façam o exercício crítico, influenciando assim o aluno na sua vida pessoal e acadêmica. A autora também aponta uma das grandes dificuldades de fazer com que o aluno estabeleça uma ligação lógica entre o passado e o presente como resultado do mesmo. Obviamente esse problema tem uma raiz muito anterior a didática que tentamos expor nesse pequeno trabalho, está na ideia de estabelecer heróis e vilões, como se a História fosse marcada por datas e nomes, esquecendo as causas e os processos que fazem a nossa realidade ser como está posta.

Como dito anteriormente o papel do professor não é reproduzir ou formar reprodutores, mas fazer com que todo jovem ou adulto que passe em nossas mãos se torne um indivíduo crítico, a esse capitalismo dominante e suas ferramentas para a manutenção dessa forma de dominação.

Para pensarmos nos resultados é importante relembrar alguns passos dados durante a apresentação do tema, a Pedagogia Histórico-Crítica e a aula-oficina,

essas duas formas de trabalhar com educação evocam vários princípios, que são quase equivalentes. Sempre partindo da realidade concreta do aluno, abordando temas que tenham importância para a vida prática e social do aluno, discutindo esses temas com fontes científicas e podendo associar os dois faz com que o processo de ensino-aprendizagem seja realmente revolucionário. Lembrando sempre de pensar soluções para os problemas da sociedade tornam os alunos em seres pensantes ligados em cada pequena mudança na sociedade, suas causas e suas possibilidades de mudança.

É nesse sentido que a educação deve ser construída, buscando pedagogias e práticas que possam fazer com que os alunos sejam formados para a vida em sociedade, para a atuação dentro da mesma. Conclui-se também que a educação é um campo em disputa, logo existem interesses que fazem com que a prática educativa seja sucateada. Devemos levar em consideração o momento atual político, visto que o neoliberalismo domina a política Latino-Americana atual, crises rondam os países que mesmo tendo se libertado de suas ditaduras, sofre até hoje a influência das políticas empregadas nesses períodos. Mas porque tocar em política nesse momento?

Ora, professor Saviani deixa claro em seus trabalhos como a nossa sociedade é pensada, entendendo nossa sociedade como uma sociedade dividida em classes, é impossível dissociar política e educação. Para nos exemplificar Saviani diz:

Em outros termos: a prática política se apoia na verdade do poder; a prática educativa no poder da verdade. Ora, a verdade (o conhecimento), nós sabemos, não é desinteressada. Mas nós sabemos também que, numa sociedade dividida em classes, a classe dominante não tem interesse na manifestação da verdade já que isto colocaria em evidência a dominação que exerce sobre as outras classes. Já a classe dominada tem todo interesse em que a verdade se manifeste porque isso só viria patentear a exploração a que é submetida, instando-a a se engajar na luta de libertação. Eis aí o sentido da frase "a verdade é sempre revolucionária". Eis aí também por que a classe efetivamente capaz de exercer a função educativa em cada etapa histórica é aquela que está na vanguarda, à classe historicamente revolucionária...

(SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia: AS TEORIAS DA EDUCAÇÃO E O PROBLEMA DA MARGINALIDADE. p. 97. 1983).

Fica clara a busca pela emancipação da classe trabalhadora, que ela seja inserida na escola, não só para sua formação básica de mão de obra barata e super-explorada. Mas que os alunos aprendam no processo os “porquês” de estarem na

situação atual, fazendo com que a associação à realidade seja feita de maneira profunda e seja uma ferramenta do dia-a-dia, tornando-se uma prática corriqueira, questionando tudo a todo o momento.

É ter em mente que o papel da educação não pode ser condenado as paredes da escola, quando falamos de educação revolucionária temos de ter em mente a finalidade da mesma. Como destacado muitas vezes durando o trabalho, devemos sempre ter a certeza de finalidade no social, na mudança social, na transformação da nossa sociedade para um pensamento que fuja das amarras capitalistas. Em busca de uma educação realmente transformadora e revolucionária.

6 BIBLIOGRAFIA

BASILIO, Ana Luiza e DAHER, Júlia. **Educação Em Disputa: 100 dias de Bolsonaro.** 2019.

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação.** In. Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

CAINELLI, M. et al. **Formação de professores de história: o princípio investigativo como fundamento da prática de ensino.** Perspectiva, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 189-204, jun. 2016.

FENELON, Déa Ribeiro. **A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DE HISTÓRIA E A REALIDADE DO ENSINO:** 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Edição digital de 2002. Brasil. Editora Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica,** 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia:** as teorias da educação e o problema da marginalidade. Campinas: Autores Associados, 1995.

ANEXO 1: AULA OFICINA DE HISTÓRIA

1. DADOS GERAIS

Instituição: Universidade Federal da Integração Latino Americana

Curso de graduação: História Licenciatura

Docente Estagiário/a: Robson Augusto de Souza Arns

Colégio: Flávio Warken – Foz do Iguaçu - Paraná

Disciplina: História

2. QUESTÃO PROBLEMA E TEMÁTICA ABORDADA

Questão problema: Qual a relação entre classe social e estudo, tendo a escola como objeto principal no sentido de entender como ela foi criada e o como essa influência está posta na educação.

Tema da Aula: História da revolução francesa e a educação “criada” na época, causas da perda do “brilho” no estudo e as dificuldades da classe mais baixa em ingressar no ensino de qualidade.

3. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Objetivo Geral

O objetivo geral destas aulas consiste em discutir com os alunos, por meio do levantamento das questões e problemas sociais, culturais, políticos e econômicos do presente, como o estudo dos fatos e acontecimentos históricos ocorridos no decorrer do século XVIII e XIX, pode nos auxiliar a compreender estes problemas do presente e assim orientar nas nossas ações para o futuro.

Objetivos específicos:

- Tentar descobrir o que os alunos pensam sobre estudo, sobre universidade, sobre conhecimento como forma de crescimento e aprendizado.
- Tentar descobrir o que eles pensam sobre os conhecimentos e sobre a interferência dos mesmos na sua vida pessoal, no seu dia-a-dia.
- Promover a discussão com os alunos a partir de textos sobre a revolução francesa para ampliar o conhecimento histórico substantivo dos alunos a cerca do assunto debatido, discutir sobre a revolução burguesa, desenvolver o conteúdo sobre formação da “nova” educação na França.
- Trazer a fonte histórica que demonstra a formação da “nova” educação, que foi produzida com o intuito de tecnicizar o conhecimento, formando cidadãos que respeitem o estado, que nunca se rebelam e a influência dessa pedagogia na formação da classe trabalhadora que iria servir a burguesia até os dias de hoje.
- Problematizar a escola do passado com a atual, fazendo uma comparação entre as duas, ver as verdadeiras melhorias, o que não mudou e o porquê não mudou, quais os interesses que estão por trás dessa manutenção de uma educação ruim.
- Orientar a leitura das fontes históricas e a escrita de uma narrativa histórica sobre o tema.
- Refletir sobre a importância deste conhecimento histórico no processo de orientação temporal dos alunos.

4. ORGANIZAÇÃO DIDÁTICA

1. INTRODUÇÃO

Abrir uma discussão sobre a educação, sobre o papel do conhecimento na vida diária dos alunos, saber o que os alunos pensam sobre para partir dos conhecimentos previamente estabelecidos. Apresentar aos alunos **fonte histórica e imagens** que abordem problemas da educação tanto no passado como agora, processo de dominação por meio da educação que tinha o único objetivo de formar uma classe trabalhadora. Levantar com os alunos questões para a **interpretação** e debate destas fontes.

2. DESENVOLVIMENTO

Solicitar aos alunos que escrevam uma **narrativa** (proto-narrativa) sobre o tema utilizando sua experiência e o debate sobre as fontes apresentadas.

Apresentar e debater **fontes e narrativas históricas** que abordem diferentes perspectivas sobre o tema da educação. Orientar a leitura destas fontes.

3. AVALIAÇÃO

Requerer aos alunos a **reescrita da narrativa** utilizando em sua argumentação elementos presentes

nas fontes e narrativas históricas trabalhadas em sala de aula sobre o tema. Esta reescrita deve conter possibilidades de solução a situação atual.

Nesta perspectiva, verifica-se a articulação das três dimensões temporais na busca por um sentido histórico no qual o aluno participa ativamente do processo de ensino aprendizagem. Partindo das experiências e discussões dentro de sala de aula com a ajuda das fontes históricas é possível produzir um conhecimento que realmente tenha a ver com a realidade vivida pelos alunos, assim os mesmos podem procurar soluções reais para o problema da escola atual. Esta perspectiva didática está fundamentada nas discussões da Educação Histórica, sobre aprendizagem histórica a partir da teoria da consciência histórica de Jorn Rusen.

4. RECURSOS

1. **Textos / Fontes Históricas**
2. **Quadro Negro**
3. **Data-Show/Notebook.**
4. **Debates e Discussões**

5. AVALIAÇÃO

Ao final da aula, será realizada uma avaliação em forma de **narrativa histórica** na qual os alunos serão orientados a explicar o processo da Revolução Francesa e o estado da educação naquela época e nos nossos dias, a partir de fontes documentais debatidas em sala:

- Desenvolver uma introdução apontando quais são problemas enfrentados pela população trabalhadora nessa época, onde elas acabaram se localizando depois da Revolução.
- Explicar como a Revolução foi entendido pelos sujeitos históricos.
- Por fim, os alunos terão de realizar uma conclusão apontando sua opinião sobre o tema, se concordavam com os autores, se era possível modificar a sociedade naquele momento, se as pessoas poderiam ter tido uma educação diferente desde o século XVIII.

A avaliação será realizada em sala com orientação e permissão para o uso do caderno e dos textos. Neste processo avaliativo será solicitado aos alunos, que ao afirmar algo, utilizem os textos lidos como referência.

6. BIBLIOGRAFIA

HOBSBAWN, Eric. A Revolução Francesa (Do livro: A era das Revoluções: 1789 – 1848, Ed. Paz e Terra, pág.

83 a 113, Ano 2003).

COSTA, Áurea de Carvalho, RESSINETI, Telma Renata. HERANÇAS DA REVOLUÇÃO FRANCESA: A POLÍTICA EDUCACIONAL DAS PRIMEIRAS LETRAS NO BRASIL.

MAFRA, Leila de Alvarenga. A Sociologia dos Estabelecimentos Escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção.

Cainelli, Marlene Rosa, Ramos, Márcia Teté Elisa, Cunha, Maria de Fátima. 2016. Formação de professores de história: o princípio investigativo como fundamento da prática de ensino.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. Edição 42. Campinas - SP Editora Autores Associados LTDA, 2012.

HIDEYSHI, Julio O. REVOLUÇÃO BURGUESA E PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO: EDUCAÇÃO E MUDANÇA SOCIAL EM FLORESTAN FERNANDES.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em história. **Perspectivas em Educação Histórica**. Actas das primeiras Jornadas internacionais de Educação Histórica. Universidade do Minho, p.13-29, 2001.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. O IMPÉRIO E AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE ORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NACIONAL (1822-1889).

FOUCAULT, Michel. VIGIAR E PUNIR, Terceira Parte, Capítulo I – Os Corpos Dóceis.

A EDUCAÇÃO BURGUESA: A educação do homem burguês - Do Renascimento até o século XVIII.
<http://falandosobrehistoriadaeducacao.blogspot.com/2015/06/a-educacao-burguesa.html> (acesso: 17/04/2019).

ESCOLA DO SÉCULO XIX X ALUNOS DO SÉCULO XXI. PEDAGOGICA MENTE BLOGANDO
<http://pedagogicamenteblogando.blogspot.com/2010/02/escola-do-seculo-xix-x-alunos-do-seculo.html>

ANEXO 2:

ROTEIRO AULA OFICINA

Turma: 3º Ano – Técnico em Estruturas - Manhã

Data: 10/05/2019

Sala:

– 10h20 - Apresentação do Tema.

---Primeiras falas sobre o tema, procurando saber o que os alunos entendem ou sabem sobre o tema, discutir um pouco sobre as experiências dos alunos.

- 1- A escola cumpre seu papel na sociedade?
- 2- Esse modelo de escola é atual ou foi constituído tempos atrás?

3- Houveram mudanças nesse ambiente ao longo do tempo?

---Após o primeiro momento de discussões falar sobre a revolução francesa e dar uma introdução sobre a formação da população para o trabalho.

– 11h00 - Atividade 1.

--- Orientar a leitura da fonte escolhida, o texto básico mostra as diferenças entre a educação burguesa e a do proletário, colocando para eles nessa discussão também a transformação das crianças em seres preparados para obedecer a ordens.

--- Logo após a discussão orientar os alunos para que eles escrevam uma narrativa sobre o tema, baseando-se nas suas ideias expostas na primeira aula do dia e também na base teórica exposta na segunda aula, produzindo assim um conteúdo que não se baseia somente no conhecimento prévio ou senso comum.

Turma: 3º Ano – Técnico em Estruturas - Manhã

Data: 17/05/2019

Sala:

– 10h20 - Atividade 2

--- Começar a aula com perguntas:

- 1- O que mudou no ambiente escolar de lá para cá?
- 2- A escola realmente evoluiu?
- 3- O ensino foi modificado?
- 4- Qual a importância do estudo na vida das pessoas? Será que ainda é somente para formar trabalhadores? Explique:

--- Partindo das perguntas apresentar imagem da escola no séc. XIX e discutir, na sequência a escola atual no séc. XXI.

- 11h00 - Atividade 3 - Avaliação – meta-cognição.

--- Após a primeira discussão apresentar o segundo texto preparado para a aula oficina, discutir com os alunos sobre a educação e a escola, procurando após as aulas algumas soluções.

---Escreva uma narrativa histórica explicando o processo de formação da escola e a educação para os trabalhadores, apontando ao fim dela suas concepções e opiniões para o assunto discutido nos dois dias de aula, críticas e possíveis soluções podem ser apresentadas na conclusão da narrativa.